

# **UMA PANDEMIA NA ERA NEOLIBERAL: Implicações Psicossociais na Vida de Moradores de Favelas Brasileiras**

**A Pandemic in the Neoliberal Era: Psychosocial Implications  
in the Lives of Brazilian Slum Dwellers**

Anderson Moraes Pires<sup>27</sup>

Keilane Ferreira de Araujo<sup>28</sup>

Luís Henrique Alencar Silva<sup>29</sup>

**RESUMO:** A razão neoliberal opera e se adapta em meio a crises, a exemplo do período da pandemia de Covid-19, construindo horizontes críticos acerca de contextos sociais desiguais e interpelando as subjetividades. Este artigo apresentou e discutiu as implicações psicossociais durante a pandemia de Covid-19 na vida de moradores de favelas brasileiras em tempos de neoliberalismo. Buscamos por publicações de natureza científica, jornalística e narrativa autobiográfica. As plataformas utilizadas foram: Google Notícias e Google Acadêmico. A coleta do material foi realizada entre os meses de abril e maio de 2022. A análise de dados teve como fio condutor a perspectiva de primado do objeto estudado na Teoria Crítica da Sociedade. Analisamos como a racionalidade neoliberal durante a pandemia de Covid-19 (re)produziu uma lógica de manutenção do mercado em prol de uma boa economia sem considerar as condições dignas e reais que interpelam as vidas de pessoas faveladas, em sua maioria vidas negras, de modo a produzir saúde. Foi considerado que, mesmo com as violências neoliberais durante a pandemia, as práticas de solidariedade e impacto territorial emergidas nas favelas são modos de resistência e produção de vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Covid-19; Pandemias; Saúde e desigualdade; Implicações psicossociais.

**ABSTRACT:** Neoliberal reason operates and adapts in the midst of crises, such as the Covid-19 pandemic, building critical horizons about unequal social contexts and questioning subjectivities. This article presents and discusses the psychosocial implications of the Covid-19 pandemic on the lives of Brazilian slum dwellers in times of neoliberalism. We searched for publications of a scientific, journalistic and autobiographical nature. The platforms used were Google News and Google Scholar. The material was collected between April and May 2022. Data analysis was based on the perspective of the primacy of the object studied in the Critical Theory of Society. We analyzed how neoliberal rationality during the Covid-19 pandemic (re)produced a

<sup>27</sup> Universidade Federal do Ceará (UFC) | <https://orcid.org/0000-0002-5029-6167> | andeersonpires@gmail.com

<sup>28</sup> Universidade Federal do Ceará (UFC) | <https://orcid.org/0000-0002-9059-4388> | keifrr13@gmail.com

<sup>29</sup> Universidade Federal do Ceará (UFC) | <https://orcid.org/0000-0001-8797-6839> | luishenrialencar@gmail.com

logic of maintaining the market in favor of a good economy without considering the dignified and real conditions that challenge the lives of favela dwellers, mostly black lives, in order to produce health. It was considered that, even with the neoliberal violence during the pandemic, the practices of solidarity and territorial impact that emerged in the favelas are modes of resistance and production of life.

**KEYWORDS:** Covid-19; Pandemics; Health status disparities; Psychosocial implications.

## INTRODUÇÃO

Há uma compreensão popular que nos faz pensar que as doenças infecciosas não reconhecem raças, classes, limites sociais e outras barreiras (Harvey, 2020). Mas, durante a pandemia de Covid-19, as experiências de pessoas de classes sociais diferentes foram vividas e expostas de modos bem distintos. Os primeiros casos no Brasil foram em pessoas que haviam retornado recentemente de outros países, principalmente da Itália, mas eram as funcionárias dessas pessoas que faleciam – e não tinham suas vidas enlutadas.

Cleonice Gonçalves foi a primeira vítima fatal de Covid-19 – uma mulher negra de 63 anos, que trabalhava como empregada doméstica no bairro do Leblon. Essa morte, sendo a primeira no país, lançou luz sobre a crise do capitalismo, a precarização do trabalho e da vida, além das diversas desigualdades em nosso país em decorrência do pertencimento racial, de gênero e de sexualidade. A pandemia de Covid-19, afinal, evidenciou um flagelo da população brasileira: a pandemia de desigualdades (Carvalho, 2020), pois foi possível notar que mesmo que o vírus tenha capacidade de atingir toda a população de um território/país, seus efeitos foram nefastos em grupos sociais que enfrentam processos de vulnerabilidade (Leite, 2020).

Os contextos nacional e internacional que se delinearam nos primeiros meses da pandemia, além de lançar luz sobre esses modos de vida que se afastam de uma própria noção de vida digna de ser vivida (Butler, 2015), nos permitiram, infelizmente, notar formas mais explícitas da existência e funcionamento do neoliberalismo. Em termos gerais, o neoliberalismo pode ser representado como uma política

[...] que favorece a acumulação de capital e a concentração de poder, renda e riqueza, contribuindo para a decomposição da classe trabalhadora, a diluição de formas de solidariedade e a imposição de políticas econômicas e sociais excludentes, com a conversão das democracias sociais em Estados desdemocratizados, com impactos corrosivos na rede de proteção social em tempos de pandemia. (Verbicaro, 2020, p. 1).

Isto é, a pandemia de Covid-19 neste contexto neoliberal foi se mostrando e a classe trabalhadora, em especial das favelas e das periferias, teve de lidar com o maior risco de contrair o vírus por intermédio de seu emprego e com a possibilidade iminente de ser demitida devido à retração econômica que o vírus impôs. Muitos moradores de favelas encontraram-se no dilema, por exemplo, de ir trabalhar e se expor ao vírus ou de não ir trabalhar e, consequentemente, ficar sem condições financeiras para sobreviver. Por outro lado, e com várias modulações, a classe que detém parte significativa do capital financeiro esbanjava uma preocupação com os negócios de trabalho em detrimento e/ou com indiferença às condições de saúde-doença de seus funcionários.

Questionamo-nos, então, acerca da produção de bem-estar subjetivo das pessoas periferizadas durante uma pandemia diante da ascensão do neoliberalismo, dessa racionalidade de vida que mitiga os direitos humanitários. De que maneiras a saúde mental<sup>30</sup> de moradores de

favelas foi interpelada durante a pandemia de Covid-19 neste atual cenário neoliberal?

Muito antes da pandemia aqui falada, Cambaúva e Junior (2005) estabeleceram uma relação do desamparo e do adoecimento psíquico com as exigências e ideologias do sistema econômico e liberal. Essa pesquisa tratou, em termos gerais, sobre a alta no índice de depressão em um contexto neoliberal. Já no contexto pandêmico, conforme Sousa, Dominguez e Cunha (2021), as pessoas das favelas brasileiras tentaram seguir a vida, “[...] mas ninguém está bem, os problemas de saúde mental assim começam a explodir” (p. 120). Muitos canais de comunicação, incluindo as redes sociais digitais, começaram a falar sobre a saúde mental de populações em situações vulneráveis durante a pandemia de Covid-19. Silva (2020) destaca que o sofrimento mental já estava posto como uma realidade nas favelas, mas o efeito do isolamento e das perdas provocadas pela pandemia intensificou o sofrimento.

Portanto, o objetivo deste artigo é apresentar e discutir as implicações psicossociais geradas pela pandemia de Covid-19 na vida de moradores de favelas brasileiras em tempos de neoliberalismo. Pretendemos, especificamente, conhecer as relações de trabalho e as de não-trabalho formal nas favelas e destacar a precariedade causada por desigualdades sociais. Apresentaremos isso em quatro seções além desta: desenvolvimento, metodologia, resultados e discussão e considerações finais. No desenvolvimento deste artigo, na próxima seção, falaremos sobre o surgimento do neoliberalismo, além de destacar algumas características importantes para entender a sua relação com a pandemia de Covid-19 e a saúde mental de pessoas periferizadas.

## CONTEXTO POLÍTICO DA GÊNESE E ASCENSÃO DO NEOLIBERALISMO

O surgimento do neoliberalismo parte da crise do liberalismo clássico, e como oposição à escalada de políticas de Estado social, inaugurando um tipo de racionalidade que transformaria radicalmente o capitalismo e a sociedade. Para isso, é de suma importância compreender o neoliberalismo em seu caráter político, pois o mesmo é por excelência um projeto social que visa criar modos de governo e de subjetivação.

Para reforçar a contextualização do irrompimento neoliberalista, é salutar destacar a busca de autores em estruturar teorias que pusessem na centralidade do sistema a liberdade econômica, primordialmente após a Grande Depressão na década de 1930 e frente à escalada de políticas de Estado de bem-estar social (Franco, Castro, Manzi, Safatle & Afshar, 2021). O neoliberalismo surge, desse modo, em acentuada contraposição ao Estado e suas ações intervencionistas de bem-estar social ao caráter keynesiano e ao *New Deal* norte-americano (Anderson, 1995), que levaram à perda da hegemonia de teorias liberais.

Alegando a centralidade da liberdade econômica viabilizada mediante apenas a defesa das liberdades individuais, esta só seria possível em uma situação de livre-concorrência. Friedrich von Hayek e Milton Friedman buscavam “[...] sobretudo fornecer uma resposta alternativa à crise de amplas dimensões na Europa, todavia uma resposta que escapasse ao

---

**30** Inspirados em Guerra (2019), tomamos a subjetividade como estando em continuidade com as questões que se dão nas arenas políticas e sociais, afinal, as trajetórias da pandemia no Brasil dizem muito sobre os contornos de tais arenas. A subjetividade e a política, nesse caso, estabelecem uma relação lógica de continuidade, ou seja, uma dimensão produz efeitos na outra, permitindo-nos falar sobre “efeitos/implicações psicossociais”.

controle absoluto do Estado” (Franco *et al.*, 2021, p. 65) e, para isso, o melhor antídoto seria o neoliberalismo.

Portanto, o neoliberalismo tem sua organização instituída no momento em que economistas, historiadores e filósofos se juntam a Hayek. Muito embora tenha se caracterizado enquanto uma organização diversa em termos de ideias e práticas, os membros compartilham a unanimidade de que a “[...] liberdade só era possível em um mercado livre e possuindo como princípio fundamental a liberdade individual” (Franco *et al.*, 2021, p. 66). Nesse sentido, os integrantes do grupo se retratavam como liberais clássicos quanto ao comprometimento com os ideais de liberdades individuais e a inscrição neoliberal assinalava sua aquiescência aos princípios de livre mercado (Harvey, 2014). São lançadas, assim, as bases para outra forma de capitalismo que, muito mais do que uma política econômica, trata-se de um sistema normativo de ampla influência global, que ampliou a lógica de capital a todas as relações sociais e esferas da vida (Dardot & Laval, 2016).

A doutrina neoliberal, no entanto, nem sempre esteve no centro dos debates. O neoliberalismo se impõe como teoria e prática tão somente nos anos 1970 e se consolida como modelo econômico ao nível de política de Estado adotado em países de capitalismo avançado: em 1979, na Inglaterra; e em 1980, nos Estados Unidos – ambos os governos dedicados a pôr em prática o programa neoliberal (Harvey, 2014). Com efeito, o pioneirismo neoliberal de Thatcher, na prática, ocorreu somente após a experiência neoliberal sucedida no Chile pós-golpe de Augusto Pinochet contra o governo democraticamente eleito de Salvador Allende.

Para o neoliberalismo, o Estado não exerce uma função mínima, mas garante que a liberdade individual seja respeitada. Ou seja, existe um Estado que defende a plena atividade do mercado e do comércio. Portanto, a livre-iniciativa e a busca por empreendedorismo seriam comportamentos que se manifestariam espontaneamente nos indivíduos em um contexto de Estado não-interventivo e que zelasse pelo livre comércio econômico. No mais, no neoliberalismo, a soberania do Estado é circunscrita à ação da economia e do mercado. É, antes de tudo, um Estado que se proponha a despolitizar a sociedade, que intervenha politicamente na luta de classes e suprima insurreições visando aniquilar possíveis limitações à liberdade econômica (Safatle, 2021).

Nesta perspectiva, quando Margaret Thatcher proferiu que “a economia é o método, o objetivo é mudar almas”, expressa-se aqui a ideia de que, muito além de uma teoria econômica, o neoliberalismo visa produzir formas de discursos hegemônicos e engendrar modos de ser alinhados à racionalidade neoliberal. É produzir, sobretudo, uma mentalidade hegemônica na cultura e na subjetividade submetida às leis da economia e à racionalidade empresarial. Foucault (2010) se dedicou à análise do neoliberalismo enquanto uma forma de racionalidade governamental. Em suma, a racionalidade governamental é uma forma de governo com a qual se dirige o Estado e o comportamento humano. Compreende-se, assim, que o neoliberalismo deixou de se restringir a uma ideologia ou doutrina econômica e se transmutou em direção a uma racionalidade base para formas de governo e para impor modos de subjetivação.

Dardot e Laval (2016, p. 17) definem o neoliberalismo como um “conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência”. A norma é a concorrência, a competição tal qual se observa na cultura empresarial. Desse modo, faz parte dessa nova mentalidade a internalização de preceitos como performance, autovigilância e a concorrência contínua (Dardot & Laval, 2016), extinguindo valores de ordem solidária, coletiva e cooperativa compreendidos como incompatíveis aos ideais de liberdade individual. Na racionalidade neoliberal, a competição é vista como virtude fundamental (Harvey, 2014) e o sujeito neoliberal reivindica a si o direito à

liberdade de empreender, de se encarregar dos riscos, que admite a meritocracia como norma e o direito à propriedade privada como mecanismos que conferem legitimidade à sua liberdade individual.

De certo, o neoliberalismo tem se mostrado, desde seu nascimento, nas ideias de Hayek e Friedman, até sua consolidação como política e racionalidade hegemônica, uma perspectiva com forte anuência social e política, a despeito do sofrimento psíquico e do colapso social por ele causado, sobretudo às populações historicamente marginalizadas. Entretanto, a natureza flexível e ajustável do neoliberalismo evidencia o êxito de sua implantação nos diferentes contextos sociais e políticos em que foi empreendido (Franco *et al.*, 2021). Iniciado na Inglaterra e Estados Unidos, avançou pela Europa Ocidental, impôs sua ofensiva à América Latina, chegou ao que sobrou dos países socialistas no Leste e em alguns países na África e Ásia (Fernandes, 1995). Em 1994, para ter aceito o perdão de dívidas, diversos países, incluindo o Brasil, concordaram com os termos impostos pelo Fundo Monetário Internacional de adotarem reformas institucionais neoliberais (Harvey, 2014). Era o chamado Consenso de Washington que definia uma série de indicações normativas, pela comunidade financeira internacional, aos países que desejassem acesso a empréstimos. Dentre as indicações determinadas estavam a abertura da economia, a diminuição de impostos, privatizações, abertura comercial e ao capital estrangeiro, mercado concorrente e a proteção à propriedade privada, além de outras. Foi o que fez o Brasil em 1994 no governo de Fernando Henrique Cardoso que, seguindo a cartilha neoliberal, mais gerou resultados contraproducentes do que melhora significativa na economia.

Nesse ínterim, houve a retomada da agenda neoliberal pelo governo de Michel Temer pós-golpe de Estado em 2016 e, certamente, a expressão mais severa da racionalidade neoliberal verificada no governo de Jair Bolsonaro. Sob o governo Temer, a ofensiva neoliberal se deu no âmbito de políticas econômicas austeras, como a reforma trabalhista que prometia estimular e criar mais empregos, junto à reforma da previdência alegando ser necessária para equilibrar os gastos públicos e dirimir privilégios e a aprovação de reformas de ajustes fiscais limitando os gastos em investimentos públicos por vinte anos. É preciso citar as terceirizações e as privatizações e, sobretudo, compreender que tamanhas reformas cumpriram o contrário do que enunciaram. Ainda na mesma linha, segue, adotando políticas de mesmo teor neoliberal, Jair Bolsonaro junto de Paulo Guedes, ministro da economia egresso da Escola de Chicago.

## MÉTODO

Trata-se de um artigo bibliográfico, com caráter qualitativo, descritivo e com o delineamento exploratório. Este tipo de artigo pode envolver o uso de narrativas, histórias de vida, documentos históricos, entrevistas, observações e fotografias, entre outras fontes de dados (Lima & Mioto, 2007). Influenciados por Antunes (2020), compreendemos que o objeto deste artigo pede por uma abordagem tanto interdisciplinar quanto empírica para melhor refleti-lo. As pesquisas descritivas, no caso, têm como objetivo principal a exposição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis.

Assim, buscamos por: a) publicações de natureza jornalística e narrativa autobiográfica sobre o enfrentamento da pandemia de Covid-19, e b) por textos acadêmicos que nos auxiliaram na compreensão do fenômeno aqui investigado. As plataformas utilizadas foram: Google Notícias e Google Acadêmico. Para a busca, utilizamos termos como “neoliberalismo + pandemia”, “Covid-19 + favelas”, “saúde mental + favelas”, “saúde mental + neoliberalismo”, “trabalho na pandemia”, entre outras combinações similares. A coleta do material foi realizada nos meses de abril e maio de 2022, mas não restringimos um recorte temporal quanto à publicação do material,

por ainda se tratar de um fenômeno recente. Para seleção, baseamo-nos no fator relevância atribuído pelas plataformas utilizadas, isto é, visitamos as notícias mais acessadas e os artigos mais citados e compartilhados.

A análise dos dados a seguir tem como fio condutor a perspectiva de primado do objeto estudado na Teoria Crítica da sociedade, que tem uma proposta diagnóstica da contemporaneidade (Jay, 2008). Dialeticamente, os teóricos da teoria crítica, como os frankfurtianos, examinam a realidade social e cultural com uma perspectiva crítica à produção do conhecimento sistematicamente organizado. Esse tipo de análise nos possibilitou compreender as mensagens além de seus significados imediatos, pois os sujeitos, enquanto produtores de suas formas de vida, e objetos não foram separados (Horkheimer, 1980). Ou seja, o método aqui descrito não se trata de uma simples adaptação porque nosso objeto de pesquisa é mediado pelo conjunto do sistema social.

De acordo com a resolução nº 510 do Conselho Nacional de Saúde, as pesquisas que utilizem informações de domínio público não serão registradas/avaliadas pelo sistema CEP/CONEP. Essas informações são as que se encontram disponíveis para acesso de pesquisadores e cidadãos em geral.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme argumentamos, o surto de SARS-Cov-2 consegue explanar, constatar e desvendar as tão arraigadas desigualdades e fraquezas das sociedades capitalistas. Isto significa que a pandemia intensifica o potencial destrutivo do modo de produção capitalista e acentua suas desigualdades fundamentadas em gênero, classe, raça/etnia, orientação sexual e outros marcadores sociais da diferença. Conforme Leite (2020), no que diz respeito às relações trabalhistas, tão precárias e precarizadas por políticas neoliberais de austeridade, produzem não somente efeitos políticos e/ou econômicos, como também novas subjetividades no contexto da pandemia.

O relato dos primeiros casos expõe as barbaridades cotidianas e vulgarizadas da vida brasileira (Albuquerque & Ribeiro, 2020). A desigualdade no seu aspecto espacial e de produção no síncrono entre exuberância, riqueza e luxo de um lado, da falta, pobreza e vulnerabilização de outro. O sentido da história da pandemia de Covid-19 pode ser explicado a partir de sua localização geográfica, tal qual sua seletividade, disseminação e letalidade. Albuquerque e Ribeiro (2020) relatam que o Brasil é um dos países mais desiguais do mundo e que a desigualdade vem aumentando. Os autores discutem que a concentração de renda da parcela mais abastada da população brasileira não indicou tendência de queda nos últimos anos, e sim o oposto, a concentração de capital entre os ultra-ricos, 1% da população, detém praticamente metade de toda a riqueza nacional.

Os resultados do estudo de Demenech, Dumith, Vieira e Neiva-Silva (2020) apontam a desigualdade econômica como um fator negativo no enfrentamento da pandemia de Covid-19 no Brasil. Outro efeito do estudo demonstra que os estados brasileiros mais desiguais manifestaram avanço considerado nas taxas de incidência e mortalidade por Covid-19 e, em contrapartida, o aumento era mais sutil nos menos desiguais. Portanto, a associação entre desigualdade e infecção-morte por Covid-19 não é apenas hipótese, ou seja, há explicações plausíveis para as diferenças observadas na pandemia no país. A desigualdade pode ter significativo impacto na saúde das populações, para além das consequências da pobreza. Na pandemia de Covid-19, existem dois efeitos que explicam por que isso acontece: o efeito absoluto e o contextual.

O *efeito absoluto* se refere ao impacto direto da distribuição de renda no contexto em saúde.

Uma pequena alteração na renda de indivíduos mais pobres gera mudanças expressivas nos desfechos de saúde, à medida que, entre os mais ricos, essa mesma alteração na renda não produz alterações no padrão de saúde. No Rio de Janeiro, por exemplo, 54% dos moradores de favelas perderam emprego na pandemia (Nitahara, 2021). Falamos de pessoas sem uma fonte de renda que ainda precisam conviver “[...] com tiros, operações policiais e falta de acesso aos serviços básicos de saúde” (Nitahara, 2021, s/p).

O *efeito contextual* destaca que pessoas, para além de sua classe socioeconômica, que (sobre)vivem em sociedades desiguais, acabam por pagar com a própria saúde. Em lugares desiguais, são péssimas as estruturas de saúde, saneamento básico e tratamento de água, segurança, categorias que debilitam a qualidade de vida de todos, porém, de acordo com Demenech et al. (2020), agrava a situação dos menos favorecidos na conjuntura social brasileira. Dessa forma, a distribuição desigual de oportunidades pode submeter indivíduos de diferentes padrões socioeconômicos, conforme o seu grupo social, gênero, sexo e etnia, perpetuando dificuldades como acesso à educação, saúde, trabalho e renda (Demenech et al. 2020).

“Em periferias de São Paulo – estado onde foi registrado o primeiro caso –, a letalidade da Covid-19 é cinco vezes maior do que a média nacional” (Carvalho, 2020, p. 3). Para mais, no Complexo da Maré, favela do Rio de Janeiro, evidenciou-se a ínfima quantidade de testes disponibilizados e a subnotificação de casos e óbitos. Nessa direção, Carvalho (2020) discute que o vírus não é democrático e que a pandemia não veio para “nos aproximar de nós mesmos”. Isso é dito porque as pessoas que detêm o capital financeiro e as que controlam as mídias de comunicação, na maioria das vezes, estavam adotando uma atitude romântica frente às mortes e às desigualdades evidentes. Falou-se sobre aspectos positivos da pandemia de Covid-19 (Toxicologia Pardini, 2020). Nos primeiros meses da pandemia, aconteceu de grandes marcas patrocinarem pessoas que agradeceram àquela situação de caos sanitário e listaram benefícios e melhorias sociais, propagando uma onda de gratidão desmedida.

Observamos que aqueles em inferioridade socioeconômica, diferente de quem agradeceu pela existência da pandemia, inclinam-se a uma exposição diferente ao vírus (pelos piores condições de habitação, muitas pessoas convivendo em residências menores, uso de transporte público com aglomeração e insegurança laboral). Tanto pela distribuição econômica desigual, como pelos efeitos contextuais, impedem um território de responder de maneira adequada à crise sanitária. Raimunda, de 64 anos de idade, moradora de uma favela da cidade de São Paulo, relata que a sua rotina era levar choque, encontrar ratos no banheiro e dormir no quarto abafado: “Tinha um monte de fio que eu não entendia e quando chovia ficava com medo” (Caseff, 2022, s/p). Carvalho (2020, p. 4) conta que, nas favelas, é impossível lavar as mãos com frequência porque a distribuição de água não é feita adequadamente.

O que discutimos aqui também está relacionado com o modo como as pessoas periferizadas, moradoras de favelas, são excluídas e incluídas nos acordos sociais, até diríamos que muito mais excluídas dos direitos humanos, por uma inelegibilidade de reconhecê-las como humanas. Obviamente, precisamos romper com as ideologias que excluem as pessoas dos acordos humanitários devido aos marcadores de diferença. Na dialética exclusão/inclusão, podemos afirmar que o neoliberalismo, visando estimular o desenvolvimento econômico, consegue dar às pessoas periferizadas uma falsa sensação de inserção na sociedade durante a pandemia de Covid-19 via manobras que ameaçam a própria característica de estar vivo, com saúde. “Contribua com a sua vida para que a gente salve a economia” foi o que disse Sebastião Melo, prefeito de Porto Alegre (Centeno, 2021, s/p). As elites brasileiras compartilham desse pensamento, de modo a falar que “sairemos melhores da pandemia” (Vannuchi, 2020).

Caponi (2020) tece críticas a um espetáculo de insensatez em Santa Catarina, na cidade de

Blumenau, quando se abriu um *shopping* e o comércio, ainda no início da pandemia, e ocasionou aglomeração de clientes. Consequentemente, “[...] uma semana mais tarde o número de casos praticamente duplicou na cidade, subindo de 98 para 194. Os comércios continuam abertos em Blumenau e os casos continuam aumentando, chegando hoje ao número de 480 casos e três óbitos” (Caponi, 2020, p. 216). Sobre a seara política, Cunha (2021, s/p) analisa que “Nossas autoridades, sem o menor pudor, mas sempre dotadas de um senso de oportunismo frio e utilitário, têm aproveitado como podem o momento de caos vivido pela população para materializar seus projetos [...]”. O autor considera que “Não há exagero aqui em afirmar que a pandemia foi, mesmo durante o período mais severo da doença, muito lucrativa para as elites políticas”.

Há diferenças evidentes entre capitais, regiões metropolitanas e o interior do Brasil em relação à pandemia. O território brasileiro é bastante distinto e desigual. Ordenar os municípios como maiores ou menores, ou seja, pelo seu porte populacional, não é suficiente para compreender as especificidades da pandemia. Albuquerque e Ribeiro (2020) fazem uma análise de estudos sobre a leitura da pandemia no Brasil e como as desigualdades e as diferentes situações geográficas podem compreender a disseminação do vírus. Por exemplo, várias possibilidades de situações geográficas podem determinar os riscos e possibilidades de enfrentamento da Covid-19. Estas situações são organizadas em relações de acúmulo e ausência de recursos, poder político, cultural e financeiro daquele lugar. Salienta-se o nível de adesão dos lugares na agenda neoliberal, que fragiliza as já precárias condições de vida, funcionamento dos órgãos públicos, ordenamento, compartilhamento e a utilização dos recursos disponíveis.

O neoliberalismo produz serviços e bens de consumo nessa lógica de manutenção do mercado, mesmo que ameace a vida de pessoas em situações de vulnerabilidade social, bem como produz os modos de ser. Entendemos, portanto, que o neoliberalismo demanda o surgimento de alguns grupos de pessoas para o sucesso de seu projeto que, como dito, visa criar modos de governo e de subjetivação. Nesse raciocínio, os sujeitos favelados podem ser considerados criações do neoliberalismo que faz gestão da pobreza inspiradas pela lógica do mercado, resultando em pessoas responsabilizadas unicamente por suas condições financeiras: “[...] seja quando visto como portador de capital humano e dependente de sua resiliência para superação da pobreza, seja quando tomado como empreendedor de si mesmo para tornar-se rentável e competitivo no mercado de trabalho” (Oliveira & Sampaio, 2018, p. 167).

Observamos com os exemplos aqui dispostos a alta performance do comércio, da lógica do consumo, em detrimento da vida. O que pode ser constatado é uma oposição entre economia, política e vida, mas que é uma aparente oposição, já que existem precariedade laboral, iniquidades e desigualdades no contexto neoliberal no qual surge a Covid-19 (Caponi, 2020). Por isso, salientamos que a pandemia causou impactos na saúde mental de moradores de favelas. Nitahara (2021) discute que o estudo realizado pelo coletivo Movimentos, composto por pessoas de diferentes favelas do Rio de Janeiro, revelou distúrbio do sono e diferentes níveis de depressão e ansiedade. Além disso, os moradores relataram tristeza, medo, pânico, pensamentos negativos, dores e palpitação acima da média.

Também é possível afirmar que existe uma relação entre racismo e impactos negativos na saúde mental no contexto da pandemia (Nitahara, 2021). Goes, Ramos e Ferreira (2020) lembram que a população negra brasileira representa a maioria dos trabalhadores informais, de serviço doméstico, comercial, da alimentação, transporte, armazenamento e correio, que se mantiveram ativos, mesmo durante a pandemia. Mesmo que isso aconteça, essa população “[...] tem menos acesso aos serviços de saúde e está em maior proporção entre as populações vulneráveis, que secularmente vivenciam a ausência do Estado em seus territórios” (Goes, Ramos & Ferreira,

2020, p. 4).

Em razão disso, as estratégias no enfrentamento da pandemia começaram a ser mobilizadas nas periferias e, com destaque, por pessoas periféricas – pelas lideranças e organizações que já existiam e por novas que nasceram com os objetivos voltados à diminuição dos impactos da pandemia de Covid-19. “Somos indivíduos com nome, sobrenome, famílias e histórias” (Carvalho, 2020, p. 3). Podemos dizer que, historicamente, as mobilizações nas favelas brasileiras começaram a partir da organização comunitária desde a criação das primeiras associações de moradores de favelas da cidade do Rio de Janeiro nos anos 1940, “[...] que ocorreu em um contexto de reação dos favelados às propostas de remoção das favelas para lugares distantes do centro da cidade” (Fleury & Menezes, 2020, p. 268).

Fleury e Menezes (2020) apontam que um fenômeno comum nas últimas décadas tem sido identificado como emergência dos sujeitos periféricos, designando o aumento da autoestima por meio dos aparatos culturais, a exemplo de museus, jornais, mídias digitais, música e textos literários. Isso influenciou, desde o início da pandemia, o modo como as pessoas periféricas têm se articulado para conseguir sobreviver, pois, diante de um não-cuidado do Estado, moradores de favelas se articularam para produzir cartilhas, redes sociais, podcasts e outras práticas de cuidado. As práticas, ou formas de ação, das periferias durante a pandemia são registradas como: a garantia de subsistência; comunicação comunitária; prevenção; mapeamentos e produção de dados sobre incidência e morbidade; e críticas ao poder público e produção de planos de ação (Fleury & Menezes, 2020). Neste ponto, não queremos romantizar o sofrimento, inclusive já tecemos críticas a quem faz isso, mas mostrar que, apesar e com todas as dificuldades impostas às favelas, as pessoas periféricas se organizam coletivamente para não sucumbir e se tornarem estatísticas de mortes. Dessa forma, percebemos que as pessoas periferizadas, diferente do que as elites costumam propagar, têm práticas coletivas de reivindicação por melhoria e concessão de direitos por parte do Estado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, apresentamos e discutimos as implicações psicossociais geradas pela pandemia de Covid-19 na vida de moradores de favelas brasileiras em tempos de neoliberalismo. Primeiro, observamos como o neoliberalismo ensejou severas consequências sob a promessa de solucionar essa crise e recuperar a economia quando, na realidade, resultou em enfraquecimento do Estado, comprometimento de anos de avanços sociais e políticos e como diluiu a noção de sociedade. A racionalidade neoliberal como discurso dominante produz o assujeitamento do Estado, dos indivíduos e de suas relações à lógica capitalista. O neoliberalismo e a pandemia de Covid-19 contribuíram de modo formidável para o agravamento de desigualdades sociais e econômicas e para o retorno de índices negativos de desenvolvimento humano, como a fome, a pobreza, o desemprego e a exclusão social de pessoas que não possuem os meios de produção.

Constatamos que muitos moradores de favelas, logo no início da pandemia, ficaram sem emprego formal. A população negra, especificamente, representa a maioria dos trabalhadores informais (de serviço doméstico, comercial, da alimentação, do transporte, armazenamento e correio) que se mantiveram ativos durante a pandemia. Isso, somado às faltas de políticas públicas, contribuiu para o alto índice de morte desta população. Portanto, torna-se axiomático o quanto as políticas econômicas adotadas no governo (bolsonarista) tiveram como consequência a drástica piora dos indicadores sociais e econômicos no país, com o aumento do desemprego, das vulnerabilidades sociais, o desmantelamento do Estado de bem-estar, a fragilização de políticas de assistência e previdência social, de educação e de saúde.

Podemos considerar que o neoliberalismo modula o pensamento e prática das pessoas ricas e das que não são ricas, mas que têm muito conforto financeiro, por criar um mundo cheio de fantasias e benesses, no qual as minorias sociais em direitos não são vistas. Isso nos faz pensar que existe um mundo criado pelo neoliberalismo que passa a ser almejado pela população brasileira, já que neste mundo as injustiças e desigualdades sociais não precisam ser discutidas e trabalhadas para a sua inexistência.

Por fim, também consideramos, segundo o que discutimos, que os moradores e instituições da sociedade civil se colocam na luta pela garantia de direitos básicos. Essa atitude também faz parte de uma luta muitas vezes localizada no sentir, na esfera subjetiva, sendo a disputa pelas narrativas sobre as favelas. Tal preocupação advém da necessidade de firmar que as mais potentes práticas de solidariedade e impacto territorial emergem nas favelas, nas periferias.

## REFERÊNCIAS

- Albuquerque, M. V., & Ribeiro, L. H. L (2020). Desigualdade, situação geográfica e sentidos da ação na pandemia da Covid-19 no Brasil. *Caderno de Saúde Pública [online]*, 36, 01-14.
- Antunes, D. C. (2020). Meios de comunicação e (falsa) liberdade: reflexões sobre a pesquisa das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC) em Teoria Crítica. In.: J. P. Barros, D. C. Antunes, & R. P. Mello (Org.). *Políticas de vulnerabilização social e seus efeitos: estudos do programa de pós-graduação em psicologia da Universidade Federal do Ceará*. (pp. 231-245). Fortaleza: Imprensa Universitária.
- Butler, J. (2015). *Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?* São Paulo: Civilização Brasileira.
- Cambaúva, L. G., & Junior, M. C. (2005). Depressão e neoliberalismo: constituição da saúde mental na atualidade. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 25(4), 526-535.
- Caponi, S. (2020). Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal. *Estudos Avançados [online]*. 34(99), 209-224.
- Carvalho, P. (2020). Pandemia de desigualdades. N-1 Edições. Retirado em 10 de março de 2022, em <https://www.n-1edicoes.org/textos/94>.
- Centeno, A. (2021, 03 de março). *O Brasil, a pandemia e as elites do chicote*. Retirado em 02 de junho de 2022, em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/03/03/o-brasil-a-pandemia-e-as-elites-do-chicote>.
- Cunha, C. (2021, 08 de dezembro). *Elite política faturou durante a pandemia*. Retirado em 02 de junho de 2022, em: <https://www.correiobraziliense.com.br/opiniao/2021/12/4969023-elite-politica-faturou-durante-a-pandemia.html>.
- Demenech, L. M., Dumith, S. C., Vieira, M. E. C. D., Neiva-Silva, L (2020). Desigualdade econômica e risco de infecção e morte por COVID-19 no Brasil. *Revista Brasileira de Epidemiologia [online]*. 23, p. 1-12.

D'Andrea, T. P. (2013). *A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Fleury, S., & Menezes, P. (2020). Pandemia nas favelas: entre carências e potências. *Saúde em Debate [online]*, 44, 267-280.

Goes, E. F., Ramos, D. O., & Ferreira, A. J. (2020). Desigualdades raciais em saúde e a pandemia da Covid-19. *Trabalho, Educação e Saúde*, 18(3), 1-7.

Guerra, A. M. C. (2019). Alguns princípios teórico-políticos para intervenções com juventude: como lidar com os efeitos psicossociais da violência? In: Lopodente, M. L. G. et al. (Orgs.). *Corpos que sofrem: como lidar com os efeitos psicossociais da violência?* (pp. 137-149). São Paulo: Elefante.

Harvey, D. (2020). Políticas anticapitalistas em tempos de COVID-19. In: DAVIS, M. et al. *Coronavírus e a luta de classes*. (pp. 13-23). Brasil: Terra Sem Amos.

Horkheimer, M. (1980). *Teoria Tradicional e Teoria Crítica. Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural.

Jay, M. (2008). *A imaginação dialética: História da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais, 1923-1950*. Rio de Janeiro: Contraponto.

Leite, K. C. (2020). A (in)esperada pandemia e suas implicações para o mundo do trabalho. *Psicologia & Sociedade [online]*, 32, 1-18.

Lima, T. C., & Mioto, R. C. T. (2007). Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katálysis*, 10, 37-45.

Nitahara, A. (2021, 27 de setembro). *Rio: 54% dos moradores de favelas perderam emprego na pandemia: Moradores relatam falta de condições para fazer isolamento social*. Retirado em 02 de junho de 2022, em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2021-09/cerca-54-dos-moradores-de-favelas-no-rio-perderam-emprego-na-pandemia>

Oliveira, R., & Sampaio, S. S. (2018). Neoliberalismo e Biopoder: o indivíduo como empresa de si mesmo. *Textos & Contextos*, 17(1), 167-177.

OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde. (2022). Histórico da Pandemia de COVID-19. Retirado em 21 de março de 2022, em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>

Silva, L. B. (2020). Favela e Covid-19: registros da continuidade. In: Silva, L. B., & Dantas, A. V. (Orgs.). *Crise e pandemia: quando a exceção é regra geral*. (pp. 57-73). Rio de Janeiro: EPSJV.

Sousa, F. M., Dominguez, M. T., & Cunha, M. B. (2021). É como se aqui não tivesse pandemia: reflexões sobre a pandemia por Covid-19 em favelas cariocas. *Revista Virtual Enfil - Encontros com*

*a Filosofia*, 09, 111-125.

Tesini, B. (2021). *Síndrome respiratória aguda grave (Covid-19, MERS e SARS) Manual MSD*. Retirado em 21 de março de 2022, em: <https://www.msdmanuals.com/pt-br/casa/infec%C3%A7%C3%B5es/v%C3%ADas-respirat%C3%B3is/coronav%C3%A7%C3%A3o/Drus-e-s%C3%ADndromes-respirat%C3%B3is-agudas-covid-19-me-s-e-sar>.

Toxicologia, P. (2020, 27 de outubro). *5 Aspectos positivos da pandemia de covid-19 para empresas e trabalhadores*. Retirado em 02 de junho de 2022, em: <https://www.gestaocovid.com.br/aspectos-positivos-pandemia-covid/>.

Vannuchi, C. (2020, 23 de abril). *Sairemos melhores da pandemia de coronavírus?*. Retirado em 02 de junho de 2022, em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/camilo-vannuchi/2020/04/23/sairemos-melhores-da-pandemia.htm>.

Verbicaro, L. P. (2020). Pandemia e o colapso do neoliberalismo. *Voluntas: Revista Internacional De Filosofia*, 11, e3.